

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

ENTRE O ÚTIL E O INÚTIL: UM DIÁLOGO COM O BRINCAR NA ESCOLA.¹

Jussara Pietczak Appelt², Eduarda Virginia Burckardt³, Lauren Slongo Braida⁴.

¹ TRABALHO REALIZADO EM GRUPO DE ESTUDOS DE PROFESSORES DA EFA.

² PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CENTRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA FRANCISCO DE ASSIS-EFA

³ PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA FRANCISCO DE ASSIS-EFA.

⁴ PROFESSORA DOS ANOS INICIAIS DO CENTRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA FRANCISCO DE ASSIS- EFA.

Introdução:

Mundo imediatista e uma procura incansável pelo saber mais e mais rápido. Tudo isso pautado por competições desenfreadas e buscas incessantes pelo tão esperado sucesso no mundo do trabalho. Assim, busca-se na escola e no ensino o conhecimento útil, o conhecimento aparentemente visível aos olhos do imediatista, que aquilo que aprende logo deve fazer sentido e ser posto em prática, de forma rápida e funcionalista.

Nessa ânsia desenfreada do conhecimento ser útil socialmente, de logo aparecer sua importância e necessidade para o mundo, supre o espaço pra inventar, pensar, investigar, de ser e viver o momento de criança, aonde se deve brincar de forma livre, espontânea e significativa, construindo elos e relações fundamentais.

Dessa forma, buscamos relacionar e refletir sobre como esta sendo vivido o momento de ser criança na sociedade hoje, suas formas de relações, rotinas, aprendizagens, descobertas, para que assim, tanto na escola que é o universo que abordamos como também para além dela, possamos pensar se estamos enxergando nossas crianças no seu agora ou sempre as projetando para o futuro, para o seu vir a ser.

Assim, o objetivo desta escrita é abordar o que alguns autores vem debatendo sobre a importância do brincar na escola e também em outros ambientes, ressaltando a verdadeira essência da criança e não pensar nela como um sujeito que precisa estar sempre atrás de afazeres estritamente utilitaristas projetados para o seu futuro competitivo, esquecendo sua fase de ser criança e viver intensamente isso.

Discussão

Em reportagem no Caderno Doc do Jornal Zero Hora na edição de 19 e 20 de março de 2016, o assunto abordado chamou-nos a atenção. “Em uma empresa, é preciso avaliar constantemente se recursos- materiais ou humanos- estão colaborando para os resultados esperados. Essa lógica de gerenciamento empresarial, porém, vem se espalhando para outras áreas da vida, e as consequências disso não são boas.” Você deve estar se perguntando o que um relato de uma empresa faz em um texto sobre criança e o brincar. E aqui é mesmo para pensarmos o quanto nossas crianças estão sendo gerenciadas e, muitas vezes, entendidas nessa lógica de empresas que precisam mostrar resultados satisfatórios.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

O alerta do pensador Italiano Nuccio Ordine, em uma palestra na UFRGS, sobre a Utilidade dos saberes Inúteis, foi publicado no Caderno Doc do Jornal Zero Hora na edição de 19 e 20 de março de 2016, ressalta a atenção que vem se dando para o resultado prático e imediato na educação, que mostra valor e importância por serem utilizados princípios utilitários.

Assim, desperta de forma assombrosa a ideia de que essa relação esta se dando cada vez mais cedo, atingindo a vida da criança desde as mais tenras idades e permeando seus caminhos por anos, até chegar ao tão esperando mundo do trabalho e “ser” alguém bem sucedido na vida.

O que nos perguntamos é se está sendo pensado nesse efeito e nas suas consequências em longo prazo, se esse assombro pela utilidade instantânea como ferramenta primordial para toda e qualquer atividade esta sendo percebida no decorrer dos anos.

Nunca na história, se pensou tanto na criança e na sua infância, e esse pensar despertou o desejo de logo cedo potencializar esse sujeito, para poder aprender o quanto antes e ter um diferencial. A ideia de conhecer e pensar na criança pode num primeiro momento trazer um conforto de que ela está sendo bem “assistida”, porém esse entender a criança, quando pensado somente no seu futuro e no seu vir a ser, pode comprometer cruelmente sua infância. Pois esta visão está presente no nosso cotidiano em diferentes setores da sociedade, paradigmas estão sendo reformulados constantemente sendo que atingiu a educação de nossos filhos, alunos tendo como premissa a forma de pensar/planejar a educação destas últimas gerações.

É nessa lógica de potencializar que surge com grande força instrumentos que são comercializados, prometendo grandes conquistas. Exemplos disso são os brinquedos e atividades que buscam desenvolver, aprender, ensinar, que foram supervalorizados, atrelando o brincar de forma funcionalista, pois se ele brincar disso vai aprender aquilo. Como podemos observar segundo Honoré (2009), surge os dvds que ensinam língua estrangeira, o jogo que ensina os números, o brinquedo que desenvolve a motricidade fina, o ritmo, a coordenação, e assim vai.

Existe uma gama de produções que se refere ao brincar da criança, uma espécie de brincar didático, deixando claro um interesse com o futuro da criança, buscando potencializar a criança para se ajustar ao mundo profissional e produtivo, a qual ocupa-se muito mais com a utilização da brincadeira do que com a criança que brincar (KUNZ E COSTA, 2015).

Dessa forma, chamamos a atenção para o contexto da escola que recebe as crianças cada vez mais cedo e em alguns casos por muitas horas. Como é observado esse lugar da criança brincar na escola? Ela tem tempo de brincar de forma espontânea ou ela segue uma rotina exaustiva de tarefas que devem ser executadas, sem espaço para o brincar de forma natural, expressiva e essencial para a criança?

Para poder debater essas interrogações é fundamental compreender de que brincar é esse que falamos. O brincar segundo, Verden-Zöller (2014, p 231):

O brincar não tem nada a ver com o futuro. Brincar não é uma preparação para nada, é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem sua legitimidade. Nós adultos, em geral não brincamos, e frequentemente não o fazemos quando afirmamos que brincamos com nossos filhos. Para aprender a brincar, devemos entrar numa situação na qual não podemos senão atentar para o presente.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Dessa maneira, quando é dada ênfase nesse brincar preparatório, esquece-se que até mesmo quando a criança corre livremente ela está experimentando-se como ser humano livre e criativo, decidindo suas realizações e possibilitando a construção de sentidos e significados naquilo que realiza. Assim, nessa mesma perspectiva quando a criança pinta e desenha, ela está brincando, porém é triste quando o adulto interfere advertindo pra pararem de brincar e desenhar algo (KUNZ E COSTA, 2015).

Nesse contexto, verificamos crianças desenvolvidas precocemente e que, no entanto, estão deixando o ato de brincar livremente passar despercebido. Estamos favorecendo o desenvolvimento de crianças com “mentes aceleradas”, com ritmo diário adulto e que levam consigo lacunas significativas no desenvolvimento motor e intelectual, em função de não brincarem ao ar livre, não terem a oportunidade de desenvolver-se socialmente com amigos e colegas, em espaços abertos, e com relações interpessoais.

Sabe-se que a criança precisa ser orientada e as atividades coordenadas, no entanto limitá-las apenas aos brinquedos digitais e aos estímulos cognitivos, possibilita falha no seu desenvolvimento, na formação da sua criatividade e no seu cotidiano social. A participação do adulto, seja ele na figura dos pais, tios ou professores é evidente, pois a criança precisa do adulto na participação de suas curiosidades e descobertas, porém é preciso analisar a excessiva intervenção do adulto, especialmente para o apressado desenvolvimento da criança com a ideia de serem adultos mais preparados e competitivos. Muitas consequências disso já são observadas com crianças mais deprimidas, obesas e estressadas (KUNZ E COSTA, 2015).

Se a criança de um lado é visto de um modo integrativo e participa da construção do seu conhecimento, de outro é primordial uma transformação na postura do professor, bem como dos adultos em geral. Mas aqui, olhando para a escola a qual, deveria ser um local onde é indispensável pensar na formação do indivíduo como um todo, capaz de desenvolver competências para a vida e não apenas para o meio profissional, que enxerga a criança de forma isolada, preparando-as apenas para o sucesso acadêmico e social.

A criança, ao brincar de forma livre, ao utilizar o faz-de-conta, jogar ou desenhar, está proporcionando ao educador a visualização de como organiza sua realidade, tanto em nível cognitivo quanto em nível afetivo-emocional. Para Vigotsky (1998), a criação de situações imaginárias na brincadeira, surge da tensão entre o indivíduo e a sociedade, e a brincadeira liberta a criança das amarras da realidade imediata, dando-lhe oportunidade para controlar uma situação existente (Cerisara, 2002).

É necessário pensar e analisar qual a formação que estamos oferecendo as nossas crianças. Queremos formá-las para vida, para serem pessoas humanizadas, que saibam resolver seus conflitos, saibam viver em sociedade ou apenas sejam profissionais bem sucedidos? Essa reflexão mostra a necessidade de mudarmos a ênfase desde a educação infantil. A escola que apresenta, hoje, um modelo sadio de aprendizagem é aquela que favorece um espaço para significar o conhecimento, partindo das representações dos alunos sobre sua realidade, primando e respeitando seus processos cognitivos. Saber redimensionar as relações de aprendizagem na sala de aula, implica em abandonar a ação pedagógica voltada exclusivamente na objetividade intelectualizada. É preciso privilegiar a subjetividade individual e coletiva, dando significado à construção do conhecimento e permitindo o desenvolvimento da autonomia e autoria do aluno, bem como as suas descobertas.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

A criança precisa ser criança, ter rotina conforme sua idade e ter respeitado o seu tempo, pois este não volta mais. A geração atual anseia por crianças super desenvolvidas, com estímulos precoces e com desenvolvimento acelerado. Pais, cada vez mais cedo, querem ver os filhos lendo e escrevendo, deixando de perceber o quão importante é o ato de brincar. A escola, por vezes, é pressionada e valorizada dependendo dos resultados dos alunos antes de ingressarem nos anos iniciais. Nesse sentido, é possível enfatizar que todo o conhecimento adquirido deve ser fruto do desejo e não da obrigação. A criança é capaz de aprender, quando o educador respeita seu tempo e espaço, e lhe permite a possibilidade de criar seus próprios processos e pensamentos e ajusta-lós progressivamente à realidade.

Sabe-se que a criança constrói conhecimento e faz relações com a informação recebida enquanto brinca livremente. Quando se mantém a especificidade da brincadeira livre, obtêm-se elementos fundamentais como: incerteza, ausência de consequência necessária e a tomada de decisão pela criança. Ela emerge possibilidades de experimentação, na qual o adulto propõe, mas não impõe, convida, mas não obriga, e mantém a liberdade dando alternativas (Dantas 2002). Caso, isso não ocorra, corre-se o risco de destruir o interesse da criança, visualizando que neste momento ela domina o espaço de experiência, podendo o professor orientador pode até interferir na brincadeira livre, desde que não desfrute de meios que acabem com o interesse dela.

Em todas as idades o brincar é realizado por prazer e diversão e cria uma atitude alegre em relação à vida, assim como relacionado a aprendizagens. É nesta ênfase que alguns pesquisadores questionam, “O que o brincar proporciona?”, “Que vantagens traz o brincar?” Poucos negariam que o brincar proporciona alegria e divertimento. Para Piers e Landau (1980), afirmam que desenvolve criatividade, competência intelectual, estabilidade emocional e sentimentos de alegria e prazer, como o hábito de ser feliz. Mas inversamente a este pensamento, quando o brincar pode acorrer no contexto de resolver conflitos e ansiedades, fugas da realidade, ou oportunidade de solidão, negada pelo adulto num ambiente atarefado do contexto familiar ou escolar.

Mas a perspectiva de provocar esta discussão e trazer o brincar como um processo evolutivo valioso como Bruner (1977) afirma, que a principal característica do brincar não é o seu conteúdo, o que se esta aprendendo com ele, mas sim o seu modo, pois o brincar para a criança é diferente do brincar para o adulto. O brincar é uma abordagem à ação, não uma forma de atividade. E é nesta forma de organizar o brincar, que estamos vivenciando em cursos e encontros de formação continuada, escola que estão provocando as crianças com materiais alternativos, e situações coletivas com diferentes faixas etárias, as quais no momento de brincar exploram vivências satisfatórias na sua organização e na forma como planejam e executam sendo estimulada pelo próprio contexto.

Relembrando Rubem Alves, escritor e psicanalista, que em um dos seus livros escreveu “A inutilidade da infância”, fazendo um paralelo entre pais de crianças saudáveis que perdem a infância de seus filhos preparando-as com cursinhos para o futuro. E um pai que não sabe se seu filho vai crescer, pois está muito doente, então precisam aproveitar ao máximo a infância para ser vivida. Este considerado pela sociedade como ser inútil, pois nunca chegará a ser considerado útil, socialmente, não produz nada, apenas prazer brincando aos domingos.

Nessa ideia que o autor descreve, podemos analisar as muitas intenções do adulto com a criança hoje, a lógica da produção, da competitividade, do ser o melhor, isso acaba com que esquecemos de viver e desfrutar do momento presente, de estar aqui no agora, da beleza de ser e viver a infância sem se preocupar com o que a sociedade vai te exigir lá na frente, pois muitas vezes nessa corrida

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

desenfreada pelo sucesso acabamos esquecendo a riqueza do ser humano que esta envolvido nessa caminhada e que é a essência nesse processo, a criança.

Considerações finais:

Assim, perante muitas concepções, ideias e intenções, destacamos que o brincar é fundamental para a criança, sendo consenso entre muitos estudiosos que se debruçam sobre esta temática. Porém o que cabe analisar aqui é que esse brincar deve ser o mais próximo do sujeito que brinca, um brincar dinâmico, verdadeiro que valoriza o seu ato em si e não suas intenções, sua utilidade para o futuro. É necessário pensar e analisar quais espaços deixamos para a criança ser criança na escola. Queremos formá-las para vida, para serem pessoas humanizadas, que saibam resolver seus conflitos, saibam viver em sociedade ou apenas sejam profissionais bem sucedidos? Essa reflexão mostra a necessidade de entendermos a criança e suas relações, seu momento, sem ultrapassar suas fases, e isso deve ser muito bem observado já na Educação Infantil.

A escola que apresenta, hoje, ideais que favorecem um espaço para significar o conhecimento, partindo das representações dos alunos sobre sua realidade, sobre suas formas de brincar e ver o mundo, desperta para o novo, para a possibilidade de crer no sujeito respeitando seu momento. Saber redimensionar as relações de aprendizagem na sala de aula, implica em abandonar a ação pedagógica voltada exclusivamente na objetividade intelectualizada. É preciso abrir os olhos para a subjetividade da criança, deixando-a ser criança, e o ser criança envolve movimentos espontâneos, significativos, livres, que devem ter espaço na escola, para que essa criança possa criar, ousar, experimentar através do brincar.

Palavras-chave: criança; conhecimento; imediatismo.

Referências:

ALVES, Rubem. Estórias de quem gosta de ensinar. A inutilidade da infância. Ed. Papyrus, 2014.

BRUNER, J.S. (1977). Introduction. In Tizard, B. and Harvey. D. (org.), The Biology of Play. Londres: Spastics International Medical Publications. In MOYLES, Janet R. Sóbrincar? O papel do brincar na educação infantil. Tradução Maria Adriana Veronese. – Porto Alegre: Artemed Editora, 2002.

CERISARA, A.B. (2002). De como o Papai do Céu, o Coelho da Páscoa, os anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu. Em T.M. Kishimoto (Org.), o brincar e suas teorias (p.p. 123- 138). São Paulo: Pioneira – Thomson Learning.

DANTAS, H. (2002). Brincar e trabalhar. Em T.M. Kishimoto (Org.), o brincar e suas teorias (p.p. 111- 128). São Paulo: Pioneira – Thomson Learning.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

HONORÉ. Sob pressão: criança nenhuma merece super pais. Rio de Janeiro. Editora Afiliada. 2009.

JORNAL ZERO HORA. Caderno Doc. Edição de 19 e 20 de março de 2016.

KUNZ, E; COSTA, A. Brincar e Se-Movimentar: tempos e espaços de vida da criança. Or. ElenorKunz. Ijuí. Ed. Unijuí, 2016.

PIERS, M. W. and Landau, G. M. (1980).The Gift of Play and Why Children Cannot Thrive Without it. Nova Yorque: Walker and co.In MOYLES, Janet R. Sóbrincar?O papel do brincar na educação infantil. Tradução Maria Adriana Veronese. – Porto Alegre: Artemed Editora, 2002.

VERDEN-ZOLLER. Gerda. MATURANA. Humberto. Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004. 264p.

VIGOTSKY, L. (1998). A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes.